

A representação feminina através da mulher: uma análise de "O Vampiro da Alameda Casabranca", de Márcia Denser¹

Camila Dias Borges (Mestranda, Letras, UCPel)

Resumo: A representação da mulher através de personagens na literatura, durante muito tempo, se deu somente através da visão idealizada masculina. O presente trabalho tem por objetivo perceber as construções da identidade da mulher feitas em uma narrativa, escrita por uma mulher, tendo como aporte teórico Análise Crítica do Discurso.

Palavras-Chave: Análise Crítica do Discurso, mulheres, Márcia Denser.

Abstract: The representation of women through characters in literature, for a long time, happened only through male vision ideal. This paper aims to the construction of the identity of the woman made into a narrative, written by a woman, by theoretical precepts proposed by Critical Discourse Analysis.

Keywords: Critical Discourse Analysis, Women, Marcia Denser.

1. Introdução

A romancista e jornalista Márcia Denser, no seu conto: “O Vampiro da Alameda Casabranca”², aborda a personalidade feminina sob a ótica bastante díspar daquela que por muito tempo foi determinada pelo cânone literário.

Na literatura tanto as mulheres escritoras quanto as personagens femininas ocupavam um papel secundário em relação aos homens. Uma vez que esse universo buscava contemplar os anseios, questionamentos, aventuras e desejos masculinos, as mulheres faziam-se presente, muitas vezes, apenas como o “objeto” a ser perseguido e conquistado (FUNCK, 1994, p.17). Esse cânone literário determinava às personagens femininas atributos angelicais ou malévolos, a partir da perspectiva simplista e reducionista de que a personalidade feminina, com toda a sua complexidade e pluralidade, poderia ser facilmente decomposta em “boa” ou “má”, cumprindo o papel de “santa” ou antagonicamente representando a tentação que distrairia o protagonista de seu objetivo principal. Com a necessidade de questionar e desnaturalizar muitas dessas concepções surge à crítica feminista (CAMPOS, 1997, p.128) com o objetivo de quebrar diversos paradigmas institucionalizados que funcionam como espelhos da realidade no decorrer da história.

¹ Trabalho desenvolvido sob orientação da professora Dra. Eliane Terezinha do Amaral Campello.

² Esse conto faz parte do livro "Diana Caçadora", Global Editora — São Paulo, 1986, e também, foi selecionado por Ítalo Moriconi para integrar o livro "Os Cem Melhores Contos Brasileiros do Século",

Não somente as personagens femininas foram subjugadas na literatura, mas também grandes escritoras tiveram sua produção inferiorizada e suas obras classificadas como algo de pouco prestígio em relação às produções literárias de escritores homens. Para Campos (1997, p.129), os estudos feministas dos anos 1970 e 1980 procuravam justamente quebrar esse cânone evidenciando que a mulher esteve historicamente desfavorecida tanto socialmente quanto literariamente.

De acordo com Funck (1994, p.19), "a crítica literária francesa estimula a mulher escritora a buscar tudo o que é culturalmente mudo, silenciado ou não representado, de forma a subverter os sistemas existentes que reprimem e negam a diferença", esse é um dos motivos que consideramos pertinente trazer o conto de Márcia Denser sob a perspectiva da Análise Crítica do Discurso, dado que sua personagem não corresponde aos estereótipos que por muito tempo estiveram vigentes como padrão literário. A mulher, ali representada, é multifacetada, com atitudes e sentimentos controversos, não sendo passível de redução às previsíveis dicotomias: "certa/errada", "boa/má", "santa/bruxa".

2. O Papel do Imaginário Social

Muitas das atribuições dadas ao feminino surgem do imaginário social que constituído de um sistema simbólico "reflete práticas sociais em que se dialetizam processos de entendimento e de fabulações de crenças e ritualizações" (TEVES, 2002, p. 64). Assim, compreendemos o imaginário social como o que nos dá suporte para acessarmos determinadas estruturas complexas da sociedade, tornando alguns discursos mais acessíveis ao entendimento através do processo de esquematização e simplificação das práticas vividas em sociedade. A autora salienta que o imaginário social está ligado a "produções de sentidos que se consolidam na sociedade, permitindo a regulação de comportamentos, de identificação, de distribuição de papéis sociais" (TEVES, 2002, p. 64). Com isso constatamos que o imaginário social se estrutura na forma de um círculo em que as práticas sociais são refletidas e também mantidas e reafirmadas, recorrentemente repercutindo nesse espaço.

O imaginário social também pode ser percebido como o lugar do inalterado, do facilmente adquirido, do que insufla comportamentos para aquilo que é esperado. É possível acessá-lo por meio da linguagem (TEVES, 2002, p. 64) investigando as manifestações linguísticas, as metáforas utilizadas e os atributos simbólicos, que nos fornecem pistas sobre a ideologia presente no discurso, a ser analisado. Para que

possamos ao final desse estudo analisar o conto da Márcia Denser, buscando compreender a forma a personagem feminina é representada, traremos um breve referencial sobre a Análise Crítica do Discurso.

3. Análise Crítica do Discurso: A teoria Atenta aos Problemas Sociais

A Análise Crítica do Discurso (ACD) busca interpretar os problemas sociais vigentes configurando a linguagem como "prática social" (FAIRCLOUGH e WODAK, 1997 *apud* WODAK, 2004). Na sociedade existem diversos níveis de relação de poder que por intermédio da linguagem institui, mantém e reafirma determinadas práticas sociais. A ACD ocupa-se da análise as relações de controle social, sejam elas explícitas ou não, que além de transmitidas também são manifestadas através da linguagem. Tais relações implicam em poder e exclusão, visto que um lado será aquele que domina enquanto o outro será o grupo dominado. De acordo com Wodak (2004), cada discurso é carregado da ideologia do grupo dominante que torna as convenções legitimadas historicamente, mantendo esse pensamento como algo estável e inquestionável, portanto naturalizado. A ideologia é perpassada por meio da linguagem, justificando o preconceito, as discriminações de gênero e outras questões sociais, por isso, é de suma importância investigar na própria linguagem o discurso atrelado para alcançarmos a ideologia que a ele está vinculada.

Fowler (*apud* WODAK, 2004, p. 230) nos diz que "mecanismos gramaticais sistemáticos possuem a função de estabelecer, manipular e naturalizar hierarquias sociais", a preocupação central da ACD é a de verificar como esses mecanismos ocorrem e a forma como eles têm sido usados para manter as estruturas vigentes. Os textos costumam ser um espaço de luta uma vez que guardam traços de diferentes discursos e ideologias em disputa pelo controle social, portanto não é esperado que o texto a ser analisado seja totalmente livre de contradições.

Para Thompson (*apud* WODAK, 2004, p. 235), "a ideologia refere-se às formas e processos sociais dentro das quais, e através das quais, formas simbólicas circulam no mundo social." Já para a ACD, a ideologia é vista como um importante aspecto da criação e manutenção de relações desiguais de poder e possui especial interesse em como a linguagem media a ideologia, tentando desmistificá-la e investigá-la.

O adjetivo "crítica" não vem por acaso na teoria, Wodak (2004, p. 234) afirma ser fundamental a reflexão e o distanciamento dos dados. A teoria não poderá ser desvinculada da atuação prática e da busca por problemas da ordem social. A autora recorre a alguns conceitos básicos a ACD, trabalhados por Kress, como: (1) tratar a

linguagem como um fenômeno social, isso é não isolar a linguagem de seu meio e sim concebê-la como uma forma de prática social; (2) perceber, através de configuração sistemática, que por meio da linguagem, indivíduos, instituições e grupos sociais significam e possuem valor específico, ou seja, os valores são subordinados aos discursos enunciados; (3) os textos são as unidades relevantes da linguagem na comunicação e, os leitores/ouvintes não são passivos quando com eles se relacionam, o que implica na existência de diálogo entre o texto e o receptor.

Diversas teorias consideram que "existem razões históricas específicas para que as pessoas passem a sentir, raciocinar, desejar e imaginar como o fazem" (WODAK, 2004, p. 236), sendo assim, as nossas escolhas e inclinações não poderiam ser consideradas totalmente genuínas, pois foram pré-determinadas pelo fator social que nos conduz a pensarmos da forma como pensamos e conseqüentemente tomemos determinadas ações. Muitas de nossas construções são pouco racionalizadas, funcionando de forma quase inconsciente mediante conceitos ditos universais que já foram assimilados e apreendidos pela sociedade.

De acordo com a autora, a linguagem não é poderosa em si mesma, adquirindo poder pelo uso que os agentes detentores do poder fazem dela. Ainda que cada palavra tenha uma memória social, ou seja, possua o significado já determinado historicamente, é a forma como o discurso é articulado e a ideologia refletida que torna a linguagem influente. A linguagem está a serviço da transmissão de conhecimento, da organização das instituições sociais e do exercício do poder; ela classifica e expressa o poder e se faz presente onde há disputa e desafio a esse poder, que não surge na linguagem, mas ainda assim por meio dela pode ser contestado, subvertido e alterado a curto e longo prazo.

Voltada para a conscientização de como a linguagem é utilizada para reforçar desigualdades sociais e para a análise de mudanças em organizações sociais (FAIRCLOUGH, 1995a), pesquisadores da área procuram demonstrar como representações linguísticas são afetadas por valores sociais e como determinadas perspectivas de realidade preponderam em detrimento de outras. Nos estudos da ACD persiste a preocupação com a desconstrução ideológica dos textos, com as relações complexas entre texto, conversa, cognição social, poder, sociedade e cultura (Van Dijk, 1993; Fairclough, 1995a *apud* Heberle, 2008, p. 291). Também são considerados aspectos sócio-culturais que vão além de estudos tradicionais de descrição e explicação de elementos linguísticos, evidenciando como o discurso reforça e ao mesmo tempo é reforçado pelo *status quo* da estrutura social.

Ao mesmo tempo o discurso funciona como transformador dessas relações, contribuindo para a construção de identidades sociais, para a construção de relacionamento entre as pessoas e, de modo mais amplo, para a construção de nosso sistema de valores e crenças. Para analisarmos um texto, Fairclough (apud HEBERLE, 2008, p. 294) indica três dimensões de estudo: (1) a do texto, cuja análise é dividida em vocabulário, gramática, coesão e estrutura textual; (2) a da prática discursiva, a forma como os textos são produzidos e interpretados; e por fim, (3) a dimensão da prática sócio-cultural, que procura investigar o contexto sócio histórico em que o discurso está ocorrendo. Tais estruturações nos oferecem subsídios para percebermos qual o discurso, explícito ou não, que está presente em determinado texto, ainda que cada item acima apresentado não seja aprofundado ou destacado na nossa análise, posteriormente, nos fornecerão o embasamento necessário para efetuarmos o estudo.

Também é importante que tenhamos em mente que as experiências são esquematizadas através da linguagem, sendo essa uma das metafunções da linguística:

Halliday identificou três metafunções linguísticas que estão continuamente interconectadas: primeiro, a função ideacional, através da qual a linguagem estrutura a experiência (a estrutura ideacional mantém uma relação dialética com a estrutura social, tanto a refletindo quanto a influenciando); segundo, a função interpessoal, que constitui relações entre os participantes; e terceiro, a função textual, que constitui a coerência e a coesão nos textos. (WODAK, 2004, p. 233).

Assim, as impressões que temos do mundo, nossos conceitos e compreensões são mediados pela linguagem e quando ampliamos esse entendimento às relações de gênero, percebemos que a condição da mulher na sociedade sempre esteve atrelada ao discurso. Para Cameron (1990:12 *apud* HEBERLE, 2008, p.301) as "representações linguísticas sinalizam o lugar das mulheres na cultura e constituem uma maneira de colocarmo-nos em nosso lugar". As manifestações linguísticas são constantemente adaptadas ou reafirmadas, portanto não é possível interpretá-las sem a compreensão do contexto, caso contrário, resultaria em apenas uma oração isolada.

Para Ribeiro (2007, p.48) o contexto pode ser percebido de forma micro, em que são fornecidas informações de natureza sócio-interacional, importantes para a compreensão de uma conversa; e também de forma macro, em que está presente a visão histórico-social e institucional que aporta o discurso. Também é relevante o entendimento da noção de enquadre. A autora o define como a configuração, construção e sinalização do contexto da situação em curso, funcionando como uma espécie de manual de instrução para que o ouvinte possa compreender determinada mensagem. Em meio a uma conversa podemos sinalizar através de gestos que estamos sendo irônicos, o que fará com que nosso interlocutor perceba que aquele discurso não é de fato sério

(RIBEIRO, 2007, p. 50), isto é, nossos gestos, expressões e a entonação utilizada oferecem pistas do significado e da intenção do nosso discurso.

Ribeiro apresenta o modelo de análise a partir da representação da palavra **SPEAKING** (Hymes, 1972; Pereira 2002 apud RIBEIRO, 2007, p. 53-54), cujas letras correspondem: **S**, cena ou cenário, tanto em termos físicos quanto em termos psicológicos; **P** para os participantes e suas características como idade, sexo, etnia e papéis discursivos; **E** como o propósito da comunicação, por exemplo, o de persuadir ou seduzir; **A** para o ato da comunicação, seja para manifestar uma queixa, dar uma explicação ou ainda fazer uma provocação; **K** é o que fornece o tom da comunicação com aspectos emocionais indicando se o registro é formal ou informal; **I**, os instrumentos que caracterizam aspectos da fala ou da escrita; **N** como as normas sócio-culturais de natureza etnográfica e por fim, o **G** que representa o gênero discursivo, se é um papo, uma palestra, uma entrevista, por exemplo.

4. Análise do Conto: "O Vampiro da Alameda Casa Branca"

A paulistana Márcia Denser nasceu no ano de 1954, apelidada de "musa dark da literatura brasileira", pelo escritor Caio Fernando Abreu, ela cumpriu a função de expor o erotismo feminino sem que este caísse na pornografia, algo que até então era tido como exclusividade dos homens escritores³. O seu livro, *Diana Caçadora*, lançado em 1986, possui contos ambientados no clima boêmio e urbano de São Paulo, das décadas de 1970/80, auge dos movimentos feministas no Brasil. A obra é composta pelas histórias: "Welcome to Diana", "O animal dos motéis", "O vampiro da alameda casabranca", "Hell's angels", "Ladies first", "Frutas secas", "Gladiador", "Tigresa" e "Relatório final".

No conto analisado: "O vampiro da alameda casabranca", a autora narra as aventuras de Diana, personagem que alude à rainha caçadora da mitologia, deusa da lua, conhecida por ser exímia caçadora e indiferente ao amor (BULFINCH, 2006). Com o nome escolhido para a personagem, Denser (1986) nos fornece referências de uma figura metaforicamente boêmia (deusa da lua), que mantém inúmeros relacionamentos sexuais (caçadora) e por fim, que talvez não valorize tanto o amor nos relacionamentos. Trata-se de um apelo ao conhecimento prévio do leitor, ou seja, o que Ribeiro (2007, p. 48) denomina de contexto macro oferecendo pistas sobre como a personagem irá se relacionar com os outros personagens da narrativa e com alguns valores sociais, como o

³ Entrevista concedida ao jornal Estadão: <http://www.estadao.com.br/noticias/impreso,a-musa-dark-da-literatura-se-reinventar,632358,0.htm>, acessado em: 19 de setembro de 2013.

amor.

Seguindo o esquema SPEAKING, anteriormente apresentado, e usando como base algumas questões norteadoras reunidas por Heberle (2008, p.208 – 2010) iniciaremos a análise situando pequenos detalhes de contexto, que embora não tenham sido apresentados de forma linear ou totalmente explícita, servem de apoio para situar o leitor na história.

Durante o desenvolvimento da narrativa, a personagem nos apresenta diferentes cenários, tais como: o cinema, o apartamento de Klaus, o apartamento dos anfitriões da festa, em Pacaembu, Avenida Paulista, Padaria Flor de Lys, Ibirapuera, onze da manhã, descrições climáticas como "sol, frio e úmido". Essas alusões a lugares físicos, reais e públicos, aliadas às condições de ordem climatológica buscam empatia com o leitor, pois esse poderia ser o plano de fundo de sua própria história, a ambientação é cotidiana, habitual, criando a relação de identificação e ilusão de intimidade entre a personagem e o leitor.

Traçaremos brevemente alguns personagens relevantes ao texto, Diana relaciona-se a maior parte do conto com Klaus, a quem ela apelida de "Poeta". A primeira menção a esse personagem é como adjetivo, "poeta" representado em letra minúscula. Posteriormente, todas as referências a ele são com a inicial maiúscula, substitutivas ao nome próprio, ou seja, ela deixa de ser Klaus para se tornar apenas o "Poeta". Através de nomeações caricatas ao personagem, ela procura o afastamento, o não-envolvimento, e algumas referências ao personagem demonstram seu desprezo por esse sujeito e sua aversão em relacionar-se com ele: "guru de fachada", "charlatão", "feioso", "faminto de carne fresca", "pedante", "ar de bagre estúpido" (DENSER, 1986, disponível em: www.releituras.com/mdenser_vampiro.asp) e outras descrições de sentimentos e sensações que nos indicam sua antipatia pelo encontro, em questão: "um verdadeiro saco", "esforço", "atenção fingida", "fugir", "correr", "vomitar" (DENSER, 1986, disponível em: www.releituras.com/mdenser_vampiro.asp). De acordo com a proposta de Fairclough (*apud* HEBERLE, 2008, p. 294), apresentada anteriormente, ao analisarmos o vocabulário (dimensão textual) de Klaus pedante, distinto e de certa forma dramático evidenciado na sequência: "um vento gélido açoitou-nos os ossos" (DENSER, 1986, disponível em: www.releituras.com/mdenser_vampiro.asp), torna-se possível identificar a reafirmação de sua identidade (dimensão da prática discursiva), a partir do que empiricamente conhecemos como característico aos poetas (contexto discursivo), também podemos situá-lo como a letra P do modelo SPEAKING, que nos diz quais os papéis sociais correspondentes as personagens.

Sendo assim, porque a personagem permite-se essa situação? Em determinado momento do conto ela questiona-se sobre esse fato e oferece a si mesma uma resposta/justificativa: "Então eu me perguntava: por que sair com aquele cara? Era desses feriados tediosos, todos os amigos queridos, todos os sujeitos interessantes, todas as amigas disponíveis viajando, restando os neuróticos, os chatos e os vampiros na cidade." (DENSER, 1986, disponível em: www.releituras.com/mdenser_vampiro.asp), nesse momento temos a primeira pista de que a personagem não gostaria de ficar sozinha, ou de ficar em casa, ainda que para isso precisasse da companhia de sujeitos desagradáveis. De acordo com o modelo de análise SKEAPING anteriormente proposto, corresponderia ao "K", isso é, nos forneceria os aspectos psicológicos da personagem para que possam compreender o contexto no qual ela está inserida.

Desde o início da narrativa, são oferecidos indicativos de que a personagem conhece as intenções do tal "poeta": "seus olhos hipnotizavam-se (bem como toda a sua alma) num ponto qualquer entre meus seios", "Confesso que não fiquei surpreendida quando o Poeta sugeriu passarmos no seu apartamento para pegar um pulôver, coitadinho" (DENSER, 1986, disponível em: www.releituras.com/mdenser_vampiro.asp), o termo empregado, "coitadinho", pode ser percebido com tom irônico a partir de indicações de contexto sugeridas na oração e pelo seu uso no diminutivo. Ainda que Diana demonstre não ser ingênua, ela ainda assim mostra-se solícita e disposta a ser uma companhia agradável, como podemos ver no trecho a seguir: "Na hora "H" fico possuída duma puxa-saquice pânica por agradar, mais preocupada com o efeito que com o objeto propriamente dito" (DENSER, 1986, disponível em: www.releituras.com/mdenser_vampiro.asp). Desdobrando essa característica da personagem, que contradiz com o seu perfil de comportamento padrão repleto de sarcasmo, ironia, acidez, sinceridade, nos parece que o seu anseio em "agradar" também parte da construção social de mulheres historicamente subjugadas aos homens.

Outro personagem de destaque na narrativa é um amigo de Klaus. O anfitrião da festa é definido como um "belíssimo rapaz" com tendências fascistas. Adjetivos positivos utilizados no decorrer do texto como: "ungido", "a marca da distinção", "bem-nascido", "bem dotado", "bem rico" "a nata", "a perfeição" (DENSER, 1986, disponível em: www.releituras.com/mdenser_vampiro.asp) conferem ao personagem status e distinção que, segundo a personagem Diana, permitira-lhe ter diversos "brinquedinhos"⁴ entre eles, uma bela esposa, que nas palavras de Denser assume a seguinte definição:

"uma linda esposa loura e psicóloga formada pelo período da tarde do Cursinho Objetivo, altura e peso ideais segundo a revista Cláudia e preocupadíssima com seus encargos de anfitriã..." (DENSER, 1986, disponível em: www.releituras.com/mdenser_vampiro.asp). A opinião da personagem em relação a outra mulher da história, expressa no trecho acima destacado, indica desprezo e a sucessão de atributos estereotipados que a torna um mero fantoche, uma boneca, uma espécie de alegoria para aquele homem, a quem ela é inferiorizada, que, na concepção de Diana, é "o salvador da noite", portanto, ela também é assinalada como uma espécie de rival. Podemos ressaltar essas marcas linguísticas como indicativos da forma como a mulher se representa e também como percebe outras mulheres, nesse conto.

No decorrer da apresentação das personagens é notável que somente os homens possuem "nome", às mulheres resta apenas apelidos alusivos e debochados, como podemos ver nas passagens:

com o curioso nome de *Ciro*, faixa preta em caratê e que me foi apresentado como um pintor maravilhoso, porém desiludido (o pessoal devia ser positivamente cego) e cocainômano ativo, acompanhado por uma garota misto de Dama das Camélias e Madrasta da *Branca de Neve*.

(...) *Roger*, o intelectual oficial, amigo do Poeta de proveta, um sujeitinho magricela, insignificante, (essa palavra é enorme!), apagado na minha memória, acompanhava uma cooperante do governo americano junto ao Brasil, uma *garota da Califórnia com cara de porto-riquenha*. ..."⁵ (DENSER, 1986, disponível em: www.releituras.com/mdenser_vampiro.asp).

As mulheres são as coadjuvantes da cena, o adereço dos homens, aquelas que não possuem nome próprio. Ainda assim a personagem se coloca como superior aos demais, tanto aos homens quanto as mulheres do conto, classifica os tipos como: "poetinhas, atores de teatro, bichas. São todos iguais", "empregadinha", "Enganava só os trouxas" (DENSER, 1986, disponível em: www.releituras.com/mdenser_vampiro.asp).

Em outro trecho, é esboçada uma dura visão sobre as mulheres em que a personagem nos diz:

A cidade está cheia desses cursinhos de balé e bordado, freqüentados por jovens em idade de casar e manter a forma. Para compensar as festinhas movidas a vinho, coca e mau humor de *suas excelências*, seus namorados, pelos quais elas são capazes de se foder por toda eternidade, em troca de um sobrenome enganchado no rabo e um apartamento nos Jardins: os homens têm as angústias, as mulheres, os interesses, e por aí vai. (DENSER, 1986, disponível em: www.releituras.com/mdenser_vampiro.asp).

Fairclough (*apud* HEBERLE, 2008, p. 294) nos propõe a investigação do discurso como reflexo, reprodução e perpetuação de relações sociais existentes, sendo assim, o ponto de vista da personagem, apresentado acima, reafirma a concepção de que o

⁴ Palavras da autora

mundo é dos homens, detentores da riqueza e do status, que podem aventurar-se enquanto as mulheres preparam-se para tornarem-se esposas em troca de segurança e afirmação social, representadas pelo sobrenome do marido, recorrendo ao imaginário social do leitor.

A narrativa é ilustrada com metáforas para que o leitor melhor compreenda o estado de espírito da personagem, como podemos visualizar na sequência a seguir: "me transformar num penhasco árido, num terreno baldio entregue às varejeiras, aos cacos de vidro, lixo, mato ralo, aos cães vira-latas, e aos teus beijos, Poeta" (DENSER, 1986, disponível em: www.releituras.com/mdenser_vampiro.asp).

A história desenvolve-se em primeira pessoa, mostrando que a personagem é o sujeito de suas ações, buscando identificação do leitor por intermédio do apelo de narrativa no modelo de "experiência própria", destacando o elemento K e E do modelo de análise, da nossa análise; sua intenção é a de seduzir o leitor. Essa impressão de mulher intensa, bastante "humana" e real é aumentada pelo uso do vocabulário informal e alguns palavrões, contudo em determinados trechos (principalmente os de conotação sarcástica), a personagem utiliza-se da linguagem mais aprimorada, inserindo-a no cenário social possivelmente da classe-média.

O contexto social da época era de iniciação da liberdade sexual, a personagem experiencia esse momento e atesta que desvincula sua sexualidade da ligação afetiva em seguimentos como: "(...) eu obedecia, apenas. Fiquei de bruços, fechei os olhos, pensando: o prazer puro, o prazer puro. Não poderia ver aquele rosto agora, seria insuportável, seria inconcebível, e eu acho que ele me ficou agradecido" (DENSER, 1986, disponível em: www.releituras.com/mdenser_vampiro.asp). Ainda assim, pela imobilidade e desconforto com que a personagem narra, conseguimos constatar que ainda que exista a liberdade sexual era mantida a ideia de submissão ao desejo e prazer masculino.

A passagem destacada a seguir nos mostra que há alguém esperando pela personagem: "e porque não podia aparecer em casa de modo algum naquele estado"(DENSER, 1986, disponível em: www.releituras.com/mdenser_vampiro.asp), alguém a quem ela deva alguma satisfação ou por quem não queira ser julgada. Ela, em determinado momento, mostra-se frágil e um tanto débil quanto as suas escolhas:

(...) uma tristeza secreta e corrompida por me saber mole, dobrável, e ainda uma vez voltar a fazer coisas que não quero, não preciso, não desejo, todavia o álcool e a droga me levam lá, uma espécie de morte incluída nos serviços de buffet; a cada episódio eu morro, e eu morro, e eu morro de novo, e volto a me assassinar, porque contar essa estória é o mesmo que atacar a mesma mulher há anos, violentamente, por trás, e como se ela fosse

⁵ Grifos para identificação das nomeações.

virgem. (DENSER, 1986, disponível em: www.releituras.com/mdenser_vampiro.asp).

Ainda que a personagem use como recurso a metáfora para exemplificar seu estado de espírito, o evento aludido trata-se de uma violência contra a mulher, como algo naturalizado e recorrente no imaginário social.

Diana lida com a rejeição daquela que ela chama de "Belo Fascista" de forma irônica: "Belo Fascista não tinha mesmo nenhum senso de humor. Tão bonitinho..." (DENSER, 1986, disponível em: www.releituras.com/mdenser_vampiro.asp), mais uma vez a utilização do diminutivo como marca para o tom irônico que ela deseja conferir. A personagem não permite se abater com as desventuras ocorridas e seu perambular e suas ações a levam a uma interminável recusa em retornar a sua casa. Essa relutância é evidenciada em alguns momentos como: "não queria ir para casa e não queria ficar ali" (DENSER, 1986, disponível em: www.releituras.com/mdenser_vampiro.asp) e também ao finalizar o conto em que ela fornece o endereço de Klaus ao taxista, quando na verdade sua intenção original era a de ir para sua própria casa.

5. Considerações Finais

O conto é permeado pelo clima de vampirismo, ainda que não no sentido clássico do termo referente a histórias e filmes de horror, mas sim, trata-se de uma alusão ao estado de vampirização de emoções e sentimentos, como uma espécie de "roubo" de energias e consequente fragilidade emocional.

No conto de Márcia Denser, foi possível destacar como elemento central a figura forte e intensa da personagem que deixa evidente seu desprezo pela submissão feminina e práticas comuns como a preparação para o casamento. Ainda assim, mesmo que Diana retrate-se como uma mulher independente e com aguçado senso crítico, ela demonstra em algumas passagens do texto a manutenção de comportamentos institucionalizados socialmente em que é preciso "agradar" a companhia masculina e que somente outro homem poderia "salvar" a sua noite.

A personagem titubeia em alguns momentos, sem saber exatamente o que quer, afirmando que não gosta de se colocar em certas situações, mas ainda assim permitindo-se realizar ações desagradáveis com o intuito de fugir da solidão e de sua própria casa, ou de quem lá a espera. A sua personalidade é instigante e composta de inúmeras facetas, evidenciando a riqueza de detalhes e atributos na construção do papel social desempenhado.

Ainda que o discurso abordado muitas vezes assumisse configurações contraditórias, o texto nos forneceu subsídios, por meio das manifestações linguísticas,

para a análise da visão de mulher que a personagem tinha de si mesma e das outras personagens femininas presentes na história. Foi possível concluir que as mulheres retratadas possuem comportamentos liberais, contudo continuam presas a estigmas sociais determinantes de gênero.

Referências Bibliográficas

BULFINCH, Thomas. **O Livro de Ouro da Mitologia Histórias de Deuses e Heróis**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

CAMPOS, Maria Consuelo Cunha. Gender e Literatura. In: SCHIMDT, Rita Terezinha (org.). **Mulheres e Literatura: Transformando Identidades**. Porto Alegre: Pallotti, 1997. p. 127 – 135.

DENSER, Márcia. **O Vampiro da Alameda Casabranca**. Disponível em: www.releituras.com/mdenser_vampiro.asp, acessado em 12 de março de 2014.

FUNCK, Susana Bornéo. Da questão da mulher à questão de gênero. In: ____ (org.) **Trocando Idéias sobre a Mulher e a Literatura**. Florianópolis, SC: Universidade Federal de Santa Catarina, 1994. P 17-22

HEBERLE, Viviane. Análise crítica do discurso e estudos de gênero (gender): subsídios para a leitura e interpretação de textos. In: FORTKAMP, Marlice Borges Mota e TOMITCH, Leda Maria Braga (orgs.) **Aspectos da Linguística Aplicada: estudos em homenagem ao professor Hilário Inácio Bohn**. Florianópolis: Insular, 2008. p. 289-316.

RIBEIRO, Branca Telles; PEREIRA, Maria das Graças Dias. A noção de contexto na análise do discurso. In: CALDAS-COULTHARD, Carmen Rosa; SCLIAR-CABRAL, Leonor (Orgs.) **Desvendando discursos: conceitos básicos**. Florianópolis: EDUFSC, 2007. P 45-78.

TEVES, Nilda. Imaginário social, identidade e memória. In: FERREIRA, L.M.A. & ORRICO, E.G.D. (Org.) **Linguagem, identidade e memória social: novas fronteiras, novas articulações**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. P53-68

WODAK, Ruth. Do que trata a ACD – um resumo de sua história, conceitos importantes e seus desenvolvimentos. **Linguagem em (Dis)curso**. LemD, Tubarão. V.4, n, esp. 2004. P223 – 243.